Revista Diversidade e Educação

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE A PARTIR DO DISPOSITIVO MADONNA

RELACIONES DE GÉNERO Y SEXUALIDAD: UNA PROPUESTA DE EDUCACIÓN PARA LA DIVERSIDAD A PARTIR DEL DISPOSITIVO MADONNA

GENDER AND SEXUALITY RELATIONS: AN EDUCATION FOR DIVERSITY PROPOSAL FROM THE MADONNA DEVICE

Pablo Oliveira da Silva[1]

RESUMO
A escola brasileira permanece marcada por violências LGBTfóbicas e silenciamentos curriculares em torno de gênero e sexualidade, o que impacta diretamente a experiência de estudantes LGBT+. Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo analisar as potencialidades do chamado dispositivo Madonna – conjunto de músicas, performances, narrativas biográficas e engajamentos políticos da artista – para a construção de práticas de uma educação para a diversidade em uma escola pública. Trata-se de um estudo qualitativo, desenvolvido no âmbito de um mestrado profissional em educação, ancorado na investigação narrativa e em experimentações pedagógicas com estudantes dos anos finais do ensino fundamental. As análises indicam que o trabalho com o dispositivo Madonna favorece a problematização da heterocisnormatividade, a produção de identificações positivas, a rememoração das lutas contra o HIV/AIDS e a afirmação da escola como espaço de reconhecimento, pertencimento e resistência.
PALAVRAS-CHAVE: LGBTQ+. Gênero e sexualidade. Cultura pop. Madonna.

RESUMEN
La escuela brasileña continúa marcada por violencias LGBTfóbicas y silenciamientos curriculares en torno al género y la sexualidad, lo que impacta directamente la experiencia de estudiantes LGBT+. Ante este escenario, el presente trabajo tiene como objetivo analizar las potencialidades del llamado dispositivo Madonna –conjunto de canciones, performances, narrativas biográficas y compromisos políticos de la artista– para la construcción de prácticas de una educación para la diversidad en una escuela pública. Se trata de un estudio cualitativo, desarrollado en el ámbito de un máster profesional en educación, anclado en la investigación narrativa y en experimentaciones pedagógicas con estudiantes de los últimos años de la educación básica. Los análisis indican que el trabajo

con el dispositivo Madonna favorece la problematización de la heterocisnormatividad, la producción de identificaciones positivas, la rememoración de las luchas contra el VIH/SIDA y la afirmación de la escuela como espacio de reconocimiento, pertenencia y resistencia.
PALABRAS-CLAVE: LGBT+. Género y sexualidad. Cultura pop. Madonna.

ABSTRACT
Brazilian schools remain marked by LGBT-phobic violence and curricular silencing around gender and sexuality, which directly affects the experience of LGBT+ students. In this context, this work aims to analyze the potential of the so-called Madonna device – the ensemble of songs, performances, biographical narratives and political engagements of the artist – for building practices and an education for diversity in a public school. This is a qualitative study, developed within a professional master's program in education, grounded in narrative inquiry and pedagogical experimentations with students in the final years of lower secondary education. The analyses indicate that working with the Madonna device supports the questioning of hetero-cisnormativity, the production of positive identifications, the remembrance of struggles against HIV/AIDS, and the affirmation of the school as a space of recognition, belonging and resistance.
KEYWORDS: LGBT+. Gender and sexuality. Pop culture. Madonna.

***

Introdução

Este trabalho tem como objetivo discutir o potencial do dispositivo Madonna para a construção de práticas pedagógicas no contexto escolar do ensino básico. Pergunta-se: como músicas, performances e narrativas sobre Madonna podem operar como dispositivo pedagógico para problematizar relações de gênero e sexualidade e produzir uma educação para a diversidade no espaço escolar? Metodologicamente, o estudo se inscreve na investigação narrativa e em experimentações pedagógicas, articulando referenciais dos estudos de gênero e sexualidade e das pedagogias culturais. As análises indicam que o trabalho com o dispositivo Madonna favorece a problematização da heterocisnormatividade, a produção de identificações positivas, a rememoração das lutas contra o HIV/AIDS e a afirmação da escola como espaço de reconhecimento, pertencimento e resistência. A pesquisa apresenta, inicialmente, o aporte teórico que sustenta a noção e a importância da pauta LGBT+ e de dispositivo, em diálogo com Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, bell hooks, Jota Mombaça, Jane Felipe, Viviane Castro Camozzato, entre outros; em seguida, discute-se a construção do dispositivo Madonna como artefato pedagógico, descrevem-se os procedimentos metodológicos e,

por fim, analisam-se as possibilidades e limites dessa proposta para a construção de uma educação para a diversidade.

Gênero e sexualidade pelos autores

Os estudos de Michel Foucault sobre a história da sexualidade têm sido centrais para compreender como os discursos sobre sexo e sexualidade foram constituídos como dispositivos de poder-saber, regulando corpos, prazeres e identidades (Foucault, 2024). Ao historicizar a emergência da "sexualidade" como categoria analítica e como objeto privilegiado de intervenções médicas, jurídicas e pedagógicas, Foucault evidencia que não se trata de uma dimensão "natural" do sujeito, mas de um campo de forças em que se produzem normas, classificações e anormalidades.

Inspirando-se nessa chave, Guacira Lopes Louro tensiona o modo como a escola participa da produção de corpos educados, reafirmando ou desestabilizando fronteiras entre masculino e feminino, normal e desviante. Em *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, Louro (2014) problematiza a naturalização de papéis de gênero nos currículos e nas interações escolares, indicando que a heterossexualidade é construída como referência silenciosa e compulsória. Em *O corpo educado* Louro, (2022), a autora mostra como pedagogias da sexualidade atravessam livros didáticos, filmes, religiões e práticas de cuidado, produzindo corpos dóceis, disciplinados e coerentes com a construção social.

O diálogo com Michael Peters (2000), ao introduzir o pós-estruturalismo e a filosofia da diferença, reforça a necessidade de tratar identidades como processos abertos, marcados por relações de poder e por deslocamentos contínuos.

No campo das pedagogias culturais, Viviane Castro Camozzato, Rodrigo Saballa de Carvalho e Paula Deporte de Andrade (2016) organizam uma coletânea em que diferentes autoras e autores mostram como produtos culturais, filmes, novelas, programas televisivos, publicidade, música, funcionam como pedagogias que ensinam modos de ser e de viver na contemporaneidade. Jane Felipe (2000), ao tratar especificamente de gênero e sexualidade nas pedagogias culturais, argumenta que a escola não pode ignorar o fato de que crianças e jovens chegam às aulas já atravessados por imagens, canções e narrativas que modelam afetos, desejos e expectativas amorosas.

Bell hooks, em *Ensinando a transgredir*, propõe uma pedagogia engajada que compreende a sala de aula como espaço de liberdade, no qual experiências de opressão e

resistência podem ser nomeadas e discutidas criticamente (hooks, 2013). Para a autora, a prática docente comprometida com justiça social implica abrir-se às narrativas dos estudantes, valorizar suas culturas e desafiar as lógicas de dominação que atravessam raça, gênero, sexualidade e classe.

Nesse horizonte, a temática LGBT+ no contexto escolar não se resume à inclusão pontual de "temas para a diversidade de gênero e orientação sexual" em datas comemorativas ou em aulas isoladas. Supõe recolocar questões como: que histórias sobre sexualidade circulam no currículo? Quais corpos aparecem como desejáveis, respeitáveis, amáveis? Quem é silenciado ou patologizado? Como práticas corporais, linguagens e referências culturais dos estudantes, inclusive a música pop, pode ser legitimada como conteúdos de ensino?

Ao levantar questões de diversidade de gênero e sexual, propõe-se reconhecer que sujeitos LGBT+ constroem repertórios de leitura e escrita próprios, muitas vezes fora ou à margem da escola: decifram símbolos, gírias, performances, looks e letras de música que circulam em redes sociais, boates e grupos de amizade.

Essas práticas articulam sobrevivência e prazer. Jota Mombaça (2023), ao afirmar que "não vão nos matar agora", convoca uma ética política que encara a sobrevivência de corpos dissidentes como ato de resistência e como recusa à lógica necropolítica. Em diálogo com a autora, pode-se ler a busca por referências na cultura pop, como cantoras, atrizes, dançarinas, como parte de uma pedagogia de si, em que sujeitos LGBT+ trabalham a si mesmos, produzem pertencimentos e inventam estratégias de cuidado diante da violência.

Os dados recentes sobre violência no Brasil evidenciam a vulnerabilidade histórica de pessoas LGBT+, especialmente quando raça, classe e território se entrecruzam na produção de vidas mais expostas à precarização e ao extermínio. Relatórios do Atlas da Violência indicam que a violência letal segue atingindo de forma desproporcional grupos minorizados, enquanto a LGBTIfobia permanece subnotificada e naturalizada em diferentes instituições, entre elas a escola (Ipea, 2025). No campo político, mesmo com o aumento da representatividade, pessoas LGBT+ que ocupam cargos eletivos seguem sendo alvo de discursos de ódio, ameaças e ataques simbólicos, como mostra a reportagem do caderno Jogo Político ao rememorar episódios de discriminação dirigidos a parlamentares assumidamente LGBT+ (Jogo Político, 2025). Essas violências se articulam aos modos como gênero e sexualidade são significados no cotidiano escolar. Estudantes LGBT+ frequentemente vivenciam a escola como espaço

de insultos, silenciamentos e exclusões e professores e professoras da população LGBT+ muitas vezes têm suas práticas deslegitimadas por injúrias homofóbicas, transfóbicas e discriminatórias.

Ao mesmo tempo, políticas curriculares como os Parâmetros Curriculares Nacionais, a PCN de 1997 e a Base Nacional Comum Curricular, BNCC, abriram, ao menos em termos normativos, brechas para a abordagem da diversidade sexual e de gênero como tema transversal. Nesse cenário, pensar letramento LGBT+ significa conceber práticas de leitura, escrita e produção de sentidos que legitimem as experiências de pessoas LGBT+ como fonte de conhecimento, confrontando a normalização que organiza corpos, afetos e futuros possíveis. (Louro, 2014; Louro, 2022a; Louro, 2022b). Inspirado pelas pedagogias culturais, compreende-se que textos, músicas, videoclipes, séries e ícones pop produzem modos de ser e de viver, configurando-se como currículos que disputam significados no cotidiano. (Camozzato; Carvalho; Andrade, 2016; Felipe, 2000).

É nesse contexto que se propõe pensar Madonna como dispositivo pedagógico. Ao longo das últimas décadas, a artista tem articulado performances, letras, posicionamentos públicos e engajamentos em campanhas de enfrentamento ao HIV/AIDS e à LGBTIfobia, aproximando-se da comunidade gay e tornando-se uma de suas referências simbólicas centrais.

Madonna como dispositivo e artefato pedagógico LGBT+

O conceito foucaultiano de dispositivo remete a uma rede heterogênea de discursos, instituições, leis, medidas administrativas, enunciados científicos e práticas que se articulam em torno de uma estratégia de poder (Foucault, 2024). Tomar Madonna como dispositivo significa, portanto, deslocar a compreensão da artista como figura individual para concebê-la como um conjunto de práticas discursivas e não discursivas que produzem efeitos, subjetivação e resistência.

Mary Gabriel (2024), em sua biografia *Madonna: uma vida rebelde*, reconstrói a trajetória da cantora, sublinhando temas como sexualidade, religião, feminismo, HIV/AIDS e direitos LGBT+ atravessam sua obra. Mary Gabriel (2024) evidencia que sua relação com a comunidade gay não se reduz a “marketing de nicho”, mas envolve alianças, homenagens e a escolha consciente. Desde os anos 1980, Madonna tem incorporado em seus videoclipes e shows corpos gays, lésbicos, trans e drag queens,

frequentemente em posições de centralidade estética e afetiva. Para muitos gays, sua imagem se tornou um dos primeiros signos de reconhecimento e de possibilidade de imaginar uma vida fora da norma. Ainda que parcelas das juventudes contemporâneas não a reconheçam como uma referência direta, sua influência permanece inscrita nas práticas culturais e políticas que hoje sustentam conquistas da população LGBT+. Trata-se de uma figura cuja relevância ultrapassa o reconhecimento geracional imediato, consolidando-se como um marco histórico na luta por diversidade. Nesse sentido, sua atuação pode ser compreendida como um dispositivo cultural que contribuiu para a ampliação de discursos inclusivos. Assim, a importância de Madonna revela-se atemporal, mantendo-se como referência estruturante na construção simbólica e política da cultura LGBT+.

Giulia Granchi (2024), escrevendo para a BBC, destaca o gesto de Madonna ao incluir, no encarte de *Like a Prayer* (1989), um material informativo sobre AIDS, incentivando o uso de preservativos e a solidariedade com pessoas vivendo com HIV em um contexto em que a epidemia era tratada como punição moral. Textos como "Os sombrios anos da 'peste gay'" e o histórico do mês do orgulho LGBT+ divulgado pela Diretoria LGBT da UFPE ajudam a situar a gravidade daquele período, marcado por estigmatização, abandono estatal e morte em massa de pessoas identificadas como "grupos de risco" (LGBT Diretoria, 2025; Os sombrios anos da "peste gay", 2012). Nesse cenário, o gesto de uma artista pop de grande alcance em falar abertamente sobre prevenção, solidariedade e direitos não é trivial: ele inscreve a luta contra o HIV/AIDS no circuito da cultura de massa, contribuindo para a difusão de informações e para a humanização de corpos estigmatizados.

Thiago de Azevedo (2022), em sua monografia sobre divas pop e educação, e Armando Azevedo (2022), ao discutir a cultura do consumo e o fenômeno pop estadunidense na construção de identidades "bicha" soteropolitanas, reforçam que as divas funcionam como dispositivos pedagógicos principalmente para sujeitos gays. A partir de suas canções, entrevistas, figurinos e narrativas de vida, esses ícones produzem repertórios de sentimentos, gestos e modos de enfrentar a homofobia no cotidiano.

Jota Mombaça (2023), ao colocar em cena a urgência de recusar a morte e apostar em alianças entre corpos precarizados, oferece uma chave para ler a relação entre cultura pop e luta política: trata-se de transformar visibilidade em possibilidade de vida e de invenção de mundos.

A partir do diálogo entre referencial teórico e proposição metodológica, podem ser apontadas algumas possibilidades que o dispositivo Madonna oferece para uma educação para a diversidade.

Primeiro, o recurso às músicas e performances da artista permite quebrar o silêncio curricular em torno de sexualidades dissidentes. Araújo (2022) mostra que, embora a BNCC mencione a necessidade de tratar diversidade e direitos sexuais, a ausência de uma disciplina específica de Educação para a sexualidade e as disputas em torno da "ideologia de gênero" têm resultado em abordagens fragmentadas e, muitas vezes, evitadas pelos docentes. Ao trazer para a sala de aula um repertório já conhecido por muitos estudantes, especialmente aqueles que se identificam como LGBT+, cria-se uma ponte entre o que se vive e o que se ensina, rompendo com a ideia de que sexualidade é assunto impróprio para a escola.

Segundo, o dispositivo Madonna favorece a produção de identificações positivas para estudantes dissidentes de gênero e sexualidade. Monteiro e Silva (2018) mostram que a representação simbólica de identidades LGBT+ na música pop pode contribuir para a construção de um sentimento de pertencimento e de reconhecimento. Quando essas imagens são tematizadas criticamente na escola, elas deixam de ser apenas consumo individual e se transformam em objeto de análise coletiva, em que os estudantes podem interrogar padrões de beleza, masculinidade, feminilidade, desejo e família.

Terceiro, a análise do dispositivo Madonna favorece a problematização de interseções entre gênero, sexualidade, religião e moralidade. Videoclipes como "Like a Prayer" confrontam símbolos católicos, sexualidade e racismo, permitindo discutir como instituições religiosas legitimam ou contestam determinados modos de viver o desejo (Gabriel, 2024; Granchi, 2024).

Quarto, o dispositivo Madonna convoca a escola a refletir sobre seus próprios modos de produção de normalidade e anormalidade. Estudos mostram que insultos, apelidos e "brincadeiras" homofóbicas, transfóbicas, ainda são comuns nas salas de aula, muitas vezes tratados como "brincadeiras" pelos adultos. Ao colocar em pauta as violências vividas por sujeitos LGBT+, incluindo professores e professoras, como no caso analisado por Silva e Rocha (2023), as conversas mediadas por músicas de Madonna podem tornar visível aquilo que, de outro modo, permanece silenciado.

Por fim, é importante reconhecer que a aposta no dispositivo Madonna não está isenta de tensões. Azevedo (2022) e Azevedo (2022) chamam atenção para a necessidade

de olhar criticamente para as divas pop, considerando questões como branqueamento, padrões corporais e mercantilização de causas políticas.

Apesar dessas tensões, sustenta-se que o dispositivo Madonna, articulado a uma perspectiva pós-estruturalista e queer, pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas que tratem gênero e sexualidade como campos de conhecimento e de disputa política, e não como temas periféricos ou meramente morais.

A leitura do dispositivo Madonna como artefato pedagógico para parte dos membros da comunidade LGBT+ supõe, portanto, explorar como estudantes interpretam letras, imagens e performances, que memórias e afetos acionam, quais identificações e recusas produzem. Isso exige também uma postura crítica diante das contradições do próprio dispositivo, atento às questões de raça, classe, nacionalidade e mercado que atravessam a cultura pop. O objetivo não é "celebrar Madonna" de forma acrítica, mas tomar sua obra como texto potente para discutir política, corpo, desejo, fé, preconceito, morte e sobrevivência.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa se inscreve em uma abordagem qualitativa, ancorada na investigação narrativa e em experimentações pedagógicas, em diálogo com propostas de docência que se assumem como modo de existir e de pesquisar (Munhoz, 2022; Prandini, 2022; Hooks, 2013).

Angélica Vier Munhoz (2022) argumenta que a docência pode ser compreendida como "um modo de existir", em que experiências, afetos, dúvidas e memórias se tornam matéria de reflexão e de escrita. Bruno Flores Prandini (2022), ao propor a "esquizoescola" como laboratório de pesquisa para corpos desejantes por outras educações, defende a criação de espaços escolares em que normas possam ser experimentadas, deslocadas e reescritas, produzindo currículos que escapem à homogeneização.

Inspirado por essas perspectivas, o estudo constitui-se a partir de experimentações pedagógicas, entendidas como arranjos provisórios de atividades, conversas e práticas de leitura/escrita que interrompem o fluxo ordinário da aula para produzir perguntas e outras formas de convívio.

O campo empírico será uma escola pública, que atende turmas dos anos finais do ensino fundamental. A escolha desse contexto considera tanto a presença de estudantes

que se identificam como LGBT+ já visíveis no cotidiano escolar, quanto a abertura da equipe diretiva para a realização de projetos que abordem gênero e sexualidade.

Os participantes da pesquisa são estudantes que, de forma voluntária e mediante assinatura de termo de assentimento, aceitam participar de espaços de conversa mediadas por letras de músicas de Madonna e suas performances. A seleção não se restringe a estudantes que se autoidentificam como LGBT+, a proposta é aberta a todos sujeitos interessados na temática.

Os experimentos de conversa consistem em encontros organizados em torno de determinadas músicas e performances de Madonna, como “Vogue”, “Like a Prayer”, “Express Yourself” e “Human Nature”, exibidas em vídeo ou áudio na sala de aula. Após a audição e visualização, serão propostas questões disparadoras, por exemplo: “Quais corpos aparecem nesse videoclipe?”, “Que tipo de amor é mostrado?”, “Que conflitos com a família, a igreja ou a sociedade vocês percebem?”, “Como essa música dialoga com a vida de vocês?”.

As conversas serão registradas em diário de campo, priorizando-se sempre a proteção da identidade dos participantes. Em alguns momentos, serão propostas atividades de escrita de cartas, bilhetes anônimos ou pequenos relatos em que os estudantes possam expressar medos, desejos, dúvidas e experiências de discriminação ou apoio vividas na escola.

A análise das narrativas produzidas nos encontros se orienta pelos referenciais teóricos já mencionados anteriormente.

A perspectiva metodológica não busca a generalização estatística, mas a compreensão densa de experiências específicas, situadas em um contexto escolar particular. Ao privilegiar a narrativa, assume-se que o conhecimento produzido é sempre parcial, implicado e atravessado pelas posições de sujeito do pesquisador e dos estudantes. Ao propor experimentações pedagógicas, o estudo não pretende oferecer “receitas” replicáveis, mas compartilhar um modo de fazer pesquisa que se confunde com um modo de ensinar e de aprender sobre gênero e sexualidade na escola.

Considerações finais

Este trabalho busca discutir/problematizar o letramento LGBT+ a partir do dispositivo Madonna, articulando estudos de gênero e sexualidade, pedagogias culturais e experimentações pedagógicas em uma escola pública estadual. Partiu-se do diagnóstico

de que o contexto brasileiro permanece marcado por violências contra pessoas LGBT+ e por silenciamentos curriculares em torno da diversidade, apesar de avanços normativos e de maior visibilidade social.

À luz de Michel Foucault e Guacira Lopes Louro, problematizou-se a maneira como dispositivos de sexualidade produzem corpos e identidades, bem como as possibilidades de resistência que emergem quando sujeitos dissidentes narram suas experiências e constroem outras formas de existir. Com base em Jane Felipe, Viviane Camozzato, Renato Silveira, Bruno Prandini, Angélica Munhoz e bell hooks, enfatizou-se que a cultura pop e, em particular, a figura de Madonna opera como pedagogia cultural, ensinando modos de ser, amar e resistir.

A proposta metodológica de investigação narrativa e experimentações pedagógicas com músicas e performances de Madonna apontou caminhos para a construção de espaços de conversa na escola, em que estudantes possam produzir leituras críticas, partilhar vivências e problematizar violências.

Reconheceu-se, também, que o dispositivo Madonna não está livre de contradições, exigindo uma abordagem crítica que considere as dimensões de raça, classe, nacionalidade e mercado na cultura pop. Ainda assim, ao se articular com outros referenciais e com outras vozes, o dispositivo pode ser um poderoso ponto de partida para deslocar a heterocisnormatividade escolar, construir alianças e afirmar a escola como espaço de diversidade e de direitos.

Como desdobramentos, indicam-se a necessidade de continuar as experimentações pedagógicas em diferentes contextos, de produzir materiais didáticos que dialoguem com referências culturais significativas para estudantes LGBT+ e de investir na formação docente em gênero e sexualidade, em consonância com as possibilidades abertas por documentos curriculares como a BNCC e PCN (Araújo, 2022). Mais do que oferecer um "modo" a ser reproduzido, o trabalho pretende contribuir para a imaginação de outras práticas de convivência, em que estudantes LGBT+ possam viver, aprender e sonhar sem que suas vidas sejam alvo de ódio ou apagamento.

Referências

ARAÚJO, Luiz Carlos Marinho de. Gênero e sexualidade na BNCC: possibilidades para implementação da disciplina Educação para sexualidade na Educação Básica. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 263-286, jan./maio 2022.

AZEVEDO, Armando. **Divas: a cultura do consumo e o fenômeno pop estadunidense na construção de uma identidade bicha, contemporânea, soteropolitana**. 2022. 373 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2022.

AZEVEDO, Thiago de. **Divas pop e educação: experiências de resistência e identidade nas escolas de Salvador**. 2022. 162 f. Monografia – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

BARROS, Alexsandra Gomes; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. O pensamento queer nos escritos de Guacira Lopes Louro. *Per***spectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, Naviraí, v. 10, n. 22, p. 428-448, jan./mar. 2023. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia. Acesso em: 7 out. 2025.
CAMOZZATO, Viviane Castro; CARVALHO, Rodrigo Saballa de; ANDRADE, Paula Deporte de (orgs.). **Pedagogias culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade**. Curitiba: Appris, 2016.

FELIPE, Jane. Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil. [S.l.: s.n.], 2000.
FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Paz & Terra, 2024.

GABRIEL, Mary. **Madonna: uma vida rebelde**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2024.

GRANCHI, Giulia. Madonna: como cantora quebrou tabus ao incluir "cartilha sobre Aids" em álbum de 1989. **BBC Brasil**, 3 maio 2024.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

ICLE, Gilberto. Para apresentar a performance à educação. Porto Alegre: **Educação e Realidade**, 2010.

IPEA. **Atlas da Violência**. Brasília: Ipea, v. 2.8. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia. Acesso em: 7 out. 2025.

LGBT, Diretoria. **Mês do Orgulho LGBTI: um breve histórico sobre a luta da população LGBTI contra o HIV/AIDS. Núcleo LGBT/UFPE**, 2024. Disponível em: https://www.ufpe.br/nucleolgbt/destaques/-/asset_publisher/qLHUkFubNatN/content/mes-do-orgulho-lgbt-um-breve-historico-sobre-a-luta-da-populacao-lgbti-contra-o-hiv-aids/369525. Acesso em: 7 out. 2025.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. rev. e ampl. Chapecó: Argos; Belo Horizonte: Autêntica, 2022a.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022b.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

MONTEIRO, Gabriel Holanda; SILVA, Naiana Rodrigues da. "Come on, Vogue!": Madonna e a construção da identidade LGBT através da representação simbólica na música pop. **Temática**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 128–145, jan. 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8931.2018v14n01.37974.

MUNHOZ, Angélica Vier. Um modo de existir na docência. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 47, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2175-6236124421vs01. Acesso em: 7 out. 2025.

OLIVEIRA, Magnus; MOURA, José Carlos de Lima; ARAÚJO, Maria Cristina Cavalcanti. A vivência, os desafios na educação escolar para os LGBT's: uma escola para todos. **GeoConexões**, v. 2, 2016. ISSN 2359-6007.

OS SOMBRIOS ANOS DA "PESTE GAY". **Memórias HIV Brasil**, 2012. Disponível em: https://memoriamhb.blogspot.com/2012/11/os-sombrios-anos-da-peste-gay.html. Acesso em: 7 out. 2025.

PACHECO, Maria Luiza. **A transgressão de Madonna: análise do discurso proferido na Billboard em 2016**. 2019. 60 f. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PINOTTI, Fernanda. Madonna se torna artista mulher com maior público da história. **CNN Brasil**, 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/madonna-se-torna-artista-mulher-com-maior-publico-da-historia/. Acesso em: 7 out. 2025.

POLÍTICO, Jogo. Apesar do aumento da representatividade, políticos LGBT+ enfrentam discriminação; relembre casos. **O Globo**, 2025. Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2025/06/21/apesar-do-aumento-da-representatividade-politicos-lgbt-enfrentam-discriminacao-relembre-casos.ghtml. Acesso em: 7 out. 2025.

PRANDINI, Bruno Flores. **Esquizoescola: laboratório de pesquisa para corpos desejantes por outras educações**. 2022. 168 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade Universitária no Litoral Norte, Osório, 2022.

SILVA, Jardinelio Reis da; ROCHA, José Damião Trindade. "Isso é uma bichona": a violência homofóbica experienciada por professores gays que trabalham em escolas rurais da Amazônia paraense. **Revista Polyphonía**, Goiânia, v. 34, n. 1, p. 334-354, 5 dez. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.5216/rp.v34i1.77918. Acesso em: 7 out. 2025.

SILVEIRA, Renato. A música e a cultura popular como ferramentas de resistência LGBTQI+. **Revista Tempo Amazônico**, v. 6, 2018. Disponível em: https://www.ap.anpuh.org/download/download?ID_DOWNLOAD=2031. Acesso em: 7 out. 2025.

Recebido em dezembro de 2025.

Aprovado em abril de 2026.

Revista Diversidade e Educação